2.ª SERIE. TOMO IV.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

NUM. 46. QUINTA FEIRA, 24 DE JUNHO DE 1852. 11. ANNO.

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

DAS PAUTAS DOS ESTADOS-UNIDOS.

Quando muitos professores de economia politica se cançavam em demonstrar que a liberdade de commercio é a panacea universal, o presidente da republica dos Estados-Unidos a respeito da questão das pautas exprimia-se nos seguintes termos, na mensagem annual do anno de 1851.

« Commercio de exportação. — O valor das nossas exportações em productos domesticos durante o passado anno fiscal comparado aos dos annos anteriores, dá um excedente de 43 milhões 646:322 dollars. A' primeira vista, o estado do nosso commercio com as nações estrangeiras parece offerecer a mais lisongeira esperança de prosperidade. Um exame circumstanciado das nossas exportações demonstrará, todavia, que o augmento do valor durante o anno fiscal ultimo vem do preço alto do algodão durante o primeiro semestre; mas, esse preço baixou depois perto de metade.

A politica que inspirou uma pauta de direitos mui tenues sobre as fazendas estrangeiras, se acreditarmos os que trabalharam para estabelecel-a, devia redundar em proveito da população agricola do paiz, augmentando a procura e fazendo subir o preço dos productos agricolas nos mercados estrangeiros.

Comtudo, os factos que precedem parece que mostram de um modo irrefragavel que este systema está longe de haver produzido os resultados com que se contava. Ao contrario, não obstante a derogação das leis dos cereaes em Inglaterra, a procura dos productos da agricultura americana no estrangeiro tem diminuido rapidamente, depois que as minguadas colheitas e a fome, consequencia sua, felizmente foram substituidas por bellas searas e pela abundancia.

Consultando as estatisticas commerciaes do anno passado, ver-se-ha que só o algodão em rama augmentou 40 milhões de dollars o valor de nossas exportações comparado ao do anno precedente. Este resultado não é devido ao augmento da procura geral desse genero, mas simplesmente á insufficiencia da colheita do anno anterior, que produziu maior procura, e fez subir os preços da ultima colheita: se a do algodão que chega actualmente aos nossos mercados fôr somente igual em quantidade á do anno findo, e se vender pelos preços correntes de hoje, haverá então provavelmente na somma das nossas exportações uma quebra de 40 milhões pelo menos, comparativamente ao que montaram durante o anno que acabou em 30 de junho de 1851.

A producção do ouro na California, durante aquelle anno, parece prometter para o futuro largos fornecimentos deste metal. O augmento annual deste meio de circulação no mundo terá as suas consequencias naturaes. Estas já se experimentaram em parte na alta dos preços e no espirito aventureiro de especulação que começa a dominar, cujo resultado será, tanto no interior como em o exterior, um excesso de transacções commerciaes. Salvo oppor-se a esta tendencia um obstaculo salutar, é de temer que as importações estrangeiras excedam muito as precisões reaes, venham a parar em retirar das nossas mãos aquelle precioso metal, o que acarretaria, como temos visto em epochas anteriores, as mais desastrosas consequencias para os negocios e os capitaes do povo americano.

As exportações de especies destinadas a liquidar a nossa divida estrangeira elevaram-se durante o anno fiscal que acaba de terminar a uma somma que excede 24 milhões 263:979 dollars o total das importações das especies. Durante o primeiro trimestre do presente anno fiscal exportaram-se 14 milhões 651:827 dollars em numerario: se as cousas continuarem neste pé durante os tres trimestres que vão seguir-se, o anno que findar em 30 de junho de 1852 verá fugir das nossas mãos a enorme somma de 58 milhões 607:300 dollars em especies amoedadas.

« Pauta americana. » — Na minha ultima men-

sagem annual, que respeitosamente vos rogo que consulteis, expuz em breves termos as rasões que me obrigavam a recommendar-vos a modificação da pauta actual, substituindo o direito especifico ao direito *ad valorem* todas as vezes que o genero importado o permittir, e estabelecendo uma escala differencial que seria um fomento da producção indigena sem ferir com exclusão a concorrencia estrangeira.

As numerosas fraudes que continuam a praticar-se em detrimento da receita publica, por meio de avaliações mui baixas por exemplo, são uma rasão inquestionavel para adoptar os direitos especificos em vez dos direitos *ad valorem* todas as vezes que a natureza do genero não tornar isso impraticavel. Exemplos frisantes dessas fraudes vos serão fornecidos pelo relatorio do secretario da thesouraria, que vos mostrará — entre as avaliações declaradas na alfandega de generos importados em virtude de uma lei anterior que estipulava direitos especificos, quando não havia motivo algum para accusar um preço inferior ao preço real, e as avaliações dos mesmos generos feitas em virtude do systema dos direitos *ad valorem* — differenças tão consideraveis e tão extraordinarias que não pode negar-se a existencia de abusos enormes. Estas praticas fraudulentas, combinadas com a situação frouxa de alguns dos grandes interesses do paiz, causada pelo excesso das importações, e pela sua consequencia, a baixa do preço; e sobretudo isso a difficuldade que temos de achar sahida ás sobras dos nossos cereaes e das nossas provisões, me obrigam a recommendar-vos de novo a modificação da pauta actual. »

No anno antecedente, M. Fillmore tivera occasião de tratar a questão por um modo ainda mais directo.

« A experiencia demonstrou a sabedoria do systema que consiste em procurar uma porção consideravel dos fundos, que reclama o governo, nos direitos sobre as importações. O jus de impor esses direitos é incontestavel, e o seu principal objecto encher o thesouro. Ora, se, conseguindo esse fim, se pode incidentalmente fomentar a industria nacional, é dever nosso aproveitar essa vantagem.

O direito lançado n'um genero que o paiz não pode produzir, como por exemplo o chá e o café, augmenta o custo do genero, e é pago principalmente ou na totalidade pelo consumidor; ao passo que o direito imposto n'um genero que pode ser produzido em o nosso paiz estimula a nossa habilidade e a nossa industria para produzir o mesmo genero, que se appresenta no mercado em concorrencia com o estrangeiro; o importador é obrigado assim a reduzir seu preço ao nivel do que obtem o genero indigena, e uma parte do direito vae recahir sobre o productor estrangeiro.

A applicação contínua deste systema estimula a industria e convida os capitaes, terminando por nos collocar nas circumstancias de produzir o genero muito mais barato do que se póde obter do estrangeiro, de modo que o productor e o consumidor nacionaes lucram conjunctamente. A consequencia do facto é que o artista e agricultor acham-se em contacto directo; cada um delles offerece aos productos do outro uma venda certa, o que reflecte na geral prosperidade. »

O CALENDARIO.

III

Dias e horas. — A palavra *dia* na sua mais geral accepção applicou-se sempre ao tempo que parece gastar o sol em dar volta redonda ao firmamento. A mesma palavra significa tambem o intervallo comprehendido entre dois nascimentos, entre dois occasos consecutivos do sol. A unidade de tempo, seguindo-se qualquer destas definições, não tem, estudando-se a marcha annual do sol, a regularidade e igualdade convenientes.

Na linguagem vulgar, a palavra *dia* indica o tempo em que o sol nos allumia, o tempo decorrido entre o nascimento e o occaso deste astro: a noite é o intervallo comprehendido entre o occaso e o nascimento seguinte. Os gregos tinham na expressão *nyctemero*, isto é noite e dia, o meio de prevenir os equivocos das linguas modernas.

De tempo immemorial o *nyctimero* foi dividido em vinte e quatro partes ou horas. Alguns povos contavam-nas seguidas, de uma a vinte e quatro. N'outros povos aquelle espaço de tempo compunha-se de dois periodos consecutivos de doze horas cada um. Ponhamos de parte a tentativa feita (em França) em 1793 de dividir a duração do dia em dez horas sómente, cada uma das quaes se compunha de cem minutos; esta divisão não foi adoptada, e tornaram ao dia de 24 horas.

As vinte e quatro horas, quando as contavam de uma a vinte e quatro, e não em dois grupos de doze horas, eram em geral iguaes entre si. Em certa epocha acha-se na Grecia, para o dia propriamenre dito, para o tempo da presença do sol sobre o horisonte, um grupo de doze horas iguaes; a noite, o tempo comprehendido entre o pôr e o nascer do sol, era repartida em doze horas igualmente iguaes.

Evidentemente se vê que no verão as horas do primeiro grupo ou divisão eram mais compridas que as do segundo; no inverno, pelo contrario, as horas da noite excediam em duração as do dia. Não havia igualdade perfeita entre estas duas especies de horas senão em 21 de março e 23 de setembro, porque nestas duas epochas o dia e a noite tem a mesma duração. Para calcular as observações, Ptolomeu não deixava de transformar as horas temporarias em horas equinocciaes.

Tem havido muitas variações na escolha do momento reputado mais conveniente para fixar o começo do dia civil. Os judeus, os antigos athenienses, os chinas, os italianos etc. começavam o dia desde o pôr do sol. Quasi até os nossos dias os italianos contavam seguidamente vinte e quatro horas entre dois occasos successivos do sol, e não dois periodos de doze horas.

Os babylonios, os syrios, os persas, os gregos modernos etc. tomaram por começo do dia o nascer do sol. Esta escolha não podia ser feita senão em tempos de ignorancia. Um relogio bem regulado não podia marcar a mesma hora por muitos dias consecutivos, no momento do nascer do sol. Entre os phenomenos astronomicos, nenhum ha cuja observação esteja sujeita a mais incerteza, e mais erros do que a do nascimento e occaso dos astros.

Conforme os antigos arabes, seguidos nesta parte pelo auctor do *Almagesto* e Ptolomeu, o dia começava ao meio dia. Os astronomos modernos geralmente adoptaram este uso. O momento de mudar de data acha-se então marcado sem equivoco, por um phenomeno facil de observar quando o ceu está sereno. A passagem do sol n'um plano orientado segundo o meridiano, o caminho ou o comprimento da sombra de um ponteiro, mesmo n'um quadrante ou mostrador imperfeito, indicam com a precisão conveniente o momento em que termina um dia verdadeiro, e aquelle em que principia o dia seguinte verdadeiro; os mesmos processos de observação, attendendo-se á equação do tempo, determinam tambem o começo e o fim dos dias solares medios.

Os astronomos modernos, contam, do mesmo modo que contava Ptolomeu, vinte e quatro horas consecutivas entre dois meio-dias.

Finalmente, como se até nisso se prove que todas as variedades possiveis se encontram nas escolhas abandonadas ao livre arbitrio dos homens, os egypcios, entre elles Hipparco, os antigos romanos, os francezes, os inglezes, os povos da peninsula occidental da Europa e outros, invariavelmente fixaram na meia noite o começo do dia civil. Entre os astronomos modernos Copernico seguia este uso.

Note-se que o começo do dia astronomico quando é regulado pelo meio dia é posterior doze horas ao começo do dia civil.

A semana. Goguet adoptando sem reserva as opiniões de Philon, de Josepho, de S. Clemente de Alexandria, pertendia que era do uso de todos os povos da antiguidade um periodo de sete dias. Outros, por exemplo Costard, sustentaram que só os judeus tiveram a semana (*septimane*, ou sete manhãas) nesses tempos remotos. Ha muitos, bastando citar Daunou, que rejeitam as duas opiniões extremas. Segundo estes, a semana foi divisão do tempo entre os chinas antigos, os judeus, os egypcios, os chaldeus e os arabes. Por outra parte, essa instituição parece ter sido desconhecida na Persia, na Grecia, em Roma, em Carthago; não vale a pena discutir o que não se estriba em bases solidas quanto á diversa maneira de computo desses diversos povos.

Geralmente se presume que a semana foi admittida na Grecia e no occidente ahi pelo terceiro seculo da nossa era. Daremos a etymologia dos nomes dos dias da semana usados pelas nações modernas.

PARTE LITTERARIA.

A MOCIDADE DE D. JOÃO V.

ROMANCE.

Capitulo XXVII.

A PAZ, OU A GUERRA?

Tinham apenas tornado a assentar-se, depois da sahida do dominico, quando o jesuita, voltando-se para o secretario das mercês: disse:

—« Sabe que estimo muito mais o nosso padre mestre, depois do encontro aqui?... Sr. Diogo de Mendonça, agora percebo porque gosta de jogar com elle da sua parte. É bom parceiro, ninguem era capaz de se levantar tão depressa e com tanto brio. Faça-se-lhe justiça! »

—« É bom frade, é muito honrado »—atalhou o ministro fugindo á allusão.

—« E grande sabio, segundo mostram os seus papeis... Deu-nos que fazer. Ora bem; com elle está concluido; faltamos nós. Quer que hoje seja o dia da paz universal? »

—« Pois acha-me cara de inimigo, sr. padre Ventura? Eu, tão devoto da companhia e terceiro da Senhora da Cadeia!... Esperava mais justiça. »

—« Não o accusei! desejo a paz universal; e creio que desejo uma cousa sancta. Se a quer como eu, estamos de accordo, não ha necessidade de justificação. »

Houve alguns momentos de pausa, em quanto ambos recolhiam as forças, dispondo-se para o conflicto. Nenhum delles ignorava que a lucta era com um gigante.

Se o olhar podesse romper segredos bem guardados, a vista penetrante que trocaram descubria os pensamentos mais reconditos; mas eram phisionomias costumadas a não trahir a alma, quando queriam occultal-a. Quando baixaram os olhos estavam certos de que na maior partida da sua vida achavam um parceiro, que sabia o jogo, e não mostrava as cartas.

No jesuita, o unico signal de apprehensão, era a luz mais intensa na vista, e a ruga frontal mais funda entre os sobrôlhos. Conhecia-se que o espirito se exercitava, que a memoria se acerava, e que a rasão lucida e poderosa escolhia no thesouro da experiencia e do saber as mais finas e provadas armas.

Prevendo a força do assalto, Diogo de Men-

donça preparava-se, para manter a defensiva, com a serenidade quasi opaca do sorriso e a igualdade calculada da expressão, decidido a aproveitar o menor descuido.

Esta pausa duraria alguns instantes. O secretario das mercês tornando a crusar a vista com o jesuita, pasmou do poder que elle tinha sobre si. O semblante parecia inalteravel; na espaçosa fronte não havia nuvens; e os olhos brilhavam sem uma sombra que lhes offuscasse a serenidade. Se fosse escutar o coração, não o sentia o ouvido bater mais forte do que antes, quando brincava, sorrindo-se, com o orgulho irritavel do padre mestre. Era como se não houvesse nem sangue nem nervos naquella organisação privilegiada, em que tudo obedecia á vontade, e unicamente dominavam a intelligencia e o espirito!

O padre Ventura, tambem, consultava o rosto de Diogo de Mendonça, e ia animando o seu de um ar de riso, mais perigoso do que a ira. Principiando a fallar, a voz desafectada e natural parecia sustentar uma conversação indifferente. Ninguem diria que estes dois homens jogavam os maiores interesses da ambição e da monarchia, porque o instituto ainda era mais para o jesuita do que a corôa para o ministro.

— « Pelo que noto » — disse o padre, dirigindo-se ao interlocutor com a maior candura — « ambos queremos a mesma cousa; v. s.ª porque é politico e sabe que a paz sempre fez milagres; eu, (a todos os respeitos humilde) porque espero o cumprimento das sagradas promessas. Quando Jesus Christo veio ao mundo, os anjos só cantaram « Gloria a Deus nas alturas e aos homens paz na terra! » Bem meditado, no Evangelho não ha mais; é verdade que dizendo isto, tudo está dito... Queira desculpar! Parece-me que ia fazendo um dos meus sermões de missões... Puz-me a ensinar a lei ao mestre. »

— « Discipulo obscuro de v. paternidade... Faz-me grande obsequio! Tambem entendo assim a religião, e prezo-me de a praticar, quanto permittem as infinitas imperfeições de um peccador... »

— « Sempre fiz esse conceito de v. s.ª Um sabio e um catholico zeloso não podia fallar de outra maneira... »

Diogo de Mendonça ficou inalteravel; nem um só gesto ou movimento lhe escapou. Agradecendo com uma cortezia profunda parecia responder com a malicia dos olhos: « Percebo a tactica; mas sou de bronze! »

O padre Ventura olhava para elle e sorria-se muito; este sorriso é o que perturbava o secretario das mercês. Por fim illuminando o rosto de toda a intelligencia e sagacidade do seu espirito, o jesuita exclamou:

— « Estamos sendo injustos, não lhe parece? Ha meia hora que a desconfiança nos tolhe, e com medo de nos desentender-mos, escapa-nos o tempo que é precioso. Dez minutos, cinco mesmo, sobejam para uma explicação clara. Sr. Diogo de Mendonça, supponha, que somos dois embaixadores, ajustando uma alliança, conhecendo cada um a força e a fraqueza do outro, e percebendo que devem auxiliar-se para não cahir. Quer que fallemos abrindo o coração, e pondo a mascara em cima da meza? Deixo as finuras aos principiantes; homens da nossa experiencia riem-se dellas. Cartas na mão? Verdade e lizura! Não arriscamos nada. »

— « A proposta é séria? » — disse Diogo de Mendonça sem mover um musculo da face.

— « Positiva! » — respondeu o padre, estendendo a mão.

— « Acceito! » — concluiu o ministro, rindo e apertando os dedos do italiano entre os seus mais cheios e nervosos.

— « Abaixo a mascara! » — exclamou o visitador rindo com igual franqueza. E fez o gesto de tirar a sua, passando a mão pelo rosto.

Diogo de Mendonça imitou-o, acrescentando: — « agora que a comedia findou, dir-me-ha v. paternidade o segredo com que endoudeceu o pobre fr. João, tirando-lhe cópia de papeis fechados á chave? »

— « Mais de vagar, um instantinho, se dá licença! » — replicou o jesuita sempre muito jovial — « Antes de sabermos se é alliado, neutro, ou inimigo, não era imprudencia mettel-o dentro de casa, e mostrar-lhe os cantos?.. Ha mais alguem no caso de fr. João, e em peiores circumstancias mesmo... »

— « Eu não por certo! » — acudiu o secretario sorrindo-se na apparencia, mas estremecendo com a lembrança da sciencia infusa, que ha tempos admirava no padre confessor Sebastião de Magalhães.

— « Não diga nada sem vêr, sr. Diogo de Mendonça; é o meu conselho. »

— « Pomos outra vez a mascara? » — gritou o ministro alegre, mas um pouco sobre posse.

— « Porque? » — acudiu o padre.

— « Porque antes de a tirar estava menos ás escuras. »

— « Não creia. »

— « É o que vejo. Demos só dois passos, e v. paternidade tira de repente a mão e deixa-me no labyrintho!.. Faço a primeira pergunta e põe o dedo na bocca, sorrindo-se de um modo que me faz suppor... »

— « Estar menos forte do que julgava?... Ahi tem a utilidade de jogar com boas cartas. Se eu ainda tivesse mascara, dizia-lhe que sim, ou talvez que não, e deixava-o precipitar... »

Diogo de Mendonça mordeu-se interiormente. O parceiro já tinha duas vasas e elle nenhuma. Entretanto continuou a conversação no mesmo tom.

— « Muito bem! Ficaremos ás escuras já que v. paternidade não quer luz... »

— « É por ora... Depois tanta será ella que nos cegue. »

— « Mas em quanto esperamos » — disse o secretario das mercês com ironia — « ainda somos embaixadores para ajustar a alliança das duas potencias? Se percebi, esta foi a proposta de v. paternidade? »

— « Percebeu, e excellentemente, como sempre. »

— « Nesse caso devemos ter poderes bastantes, e o estylo manda apresentar as credenciaes. — Veremos como elle apara este bote! » — murmurou o cortezão.

— « Estou ás suas ordens! » — respondeu serenamente o jesuita. » — Trago aqui as minhas. »

Diogo de Mendonça levantou-se, foi a um contador da India embutido de ebano e madre perola, e tirou da gaveta um pergaminho com sellos pendentes. Ao mesmo tempo o padre sacava do bolso da roupeta um papel dobrado. Ambos passaram os diplomas de mão para mão.

— « É a carta de nomeação do logar de secretario das mercês, datada de 24 de março de 1704... Quatro mezes a contar da sua volta de Hispanha, em fins de dezembro de 1703! Muito bem: acha as minhas tambem em regra? »

— « Certamente. É o sello e a divisa do geral da companhia, authenticando a nomeação do padre Julio Ventura, na qualidade de visitador assistente nas provincias de Hispanha e Portugal... Diga-me v. paternidade, parece-lhe que não ha omissão nenhuma?... »

— « Em quaes? »

— « Em ambas, suppunhamos. »

— « Hoje, não: amanhã Deus sabe!... Póde haver de mais em uma e de menos n'outra. »

— « Como? »

— « O sr. D. Pedro II... »

— « Está melhor! » — exclamou o ministro apressadamente.

— « Passou mal hontem e está peior hoje; receio que nos dê grande desgosto por estes dias proximos » — proseguiu o padre Ventura sem fazer menção das contorsões negativas do secretario — « Ora, fallecendo el-rei, a observação de v. s.ª póde sahir certa, achando-se de mais talvez o seu nome nessa carta, se o principe real fizer menos caso do seu serviço do que seu augusto pae. »

Diogo de Mendonça por mais esforços que empregasse para se conter, empallideceu visivelmente. O jesuita sorria continuando.

— « Estão muito sujeitos a quedas os logares altos. É a rasão porque lhe dizia ainda agora que ha força e fraqueza relativa em cada um de nós. »

— « Então a proposta final de v. paternidade?... »

— « Quer sabel-a, verdadeiramente? »

— « Estou ancioso. »

— « Pois eu digo. Se nos entendermos, é fazel-o primeiro ministro do novo rei, o sr. D. João V... Se quizer ser neutro propor-lhe uma enviatura para Londres ou para Italia... E se formos inimigos ensinar-lhe a estrada do conde de Castello Melhor, com uma volta pelas Pedras de Angoxe, ou por outro qualquer presidio. »

— « A viagem, sobre tudo, pouco agradavel me parece! » — respondeu o secretario acerando o sorriso e tornando os olhos duas setas na penetração. — « Entretanto v. paternidade creio que se esqueceu de uma cousa; e é raro, porque vejo que o seu costume é lembrar-se de tudo.... »

— « Talvez... somos homens. Qual?.. » — observou o jesuita gravemente.

— « A difficuldade, não digo de proposito o impossivel, de haver um meio elastico de elevar o mesmo homem a primeiro ministro, ou de o desterrar no dia seguinte para a Costa de Africa.... O despacho era preciso ser el-rei. »

— « Ou saber levar el-rei! »

— « Seja! mas o degredo, é preciso provar-me o crime de lesa magestade... »

— « Exactamente. »

— « Ora esse crime capital, sinto dar desgosto a v. paternidade, não me accusa a consciencia de o ter commettido, nem acho ninguem capaz de mo provar. »

— « Engana-se! O crime existe, e tambem as provas! »

— « V. paternidade falla serio? » — exclamou Diogo de Mendonça com extrema agitação.

— « Não lhe disse que tirei a mascara? A luz dá-lhe nos olhos, bem se vê. Paciencia! Ainda ha de ser mais forte logo. »

O secretario de um impeto levantou-se da cadeira, branco como a tira da camisa.

Depois olhou irreflectidamente para uma caixa marchetada, aonde tinha duas pistolas. Por outra precipitação, instinctiva tambem, foi á porta; verificou estar fechada, e correu o reposteiro sobre ella. D'ahi, voltou a passos lentos, cravou os olhos no padre, como dois punhaes, e sentando-se outra vez contemplou-o em silencio alguns instantes.

O jesuita tinha observado tudo. Quando o secretario fez o primeiro movimento para as armas, os olhos do visitador despediram um grande clarão; quando o ministro se rodeou de maior segredo, o padre apenas tinha o sorriso á flor da bocca. Esperou assim calado as palavras do adversario.

— « V. paternidade sabe que disse uma cousa que póde matar a um de nós? » — exclamou Diogo de Mendonça. — « E se lhe exigir as provas, se o obrigar a convencer-me?.. » — proseguiu em ar de mofa.

— « Faço-lhe a vontade! » — replicou o visitador com uma tranquillidade fulminante.

— « Faz-me a vontade?.. » — gritou o secretario, na testa do qual borbulhavam já algumas gotas de suor. — « Veja bem! um crime de lesa-magestade, pena de morte ou degredo perpetuo? »

— « Vejo perfeitamente! » — observou o padre com extrema serenidade.

— « E com tal segredo na mão ainda me propõe alliança?.. Nada de falsa generosidade! V. paternidade póde dictar a lei... » — exclamou o ministro com ironia, e tentando a diversão para conhecer melhor o inimigo. O jesuita adivinhou a tactica e repelliu-a com a sua agudeza habitual.

— « Deixe-me dar metade de partido. Gosto do jogo assim. Não tenha dó... Se eu quizesse, não lhe dizia nada, e duas horas depois da morte de el-rei, v. s.ª ia por um dos alçapões da torre. »

— « Noto da sua parte » — acudiu Diogo de Mendonça — « sympathias que não mereço... como hei de explicar?.. »

— « Não explique... é melhor. Olhe, nem é sympathia nem outra cousa que o pareça. Não se cance; os motivos não os descobre, se eu os não disser. »

— « O que admiro mais é o sangue frio de v. paternidade... Se não estivesse bem certo de mim quasi que tinha medo. Não posso fazer-lhe maior elogio. »

— « Deixemos as subtilezas, sr. Diogo de Mendonça; não estamos creanças, e os homens como nós sempre são mais velhos do que a sua idade. »

— « Póde ser, mas eu nasci em 1658. Infinitas graças darei a Deus se me fizer mais velho » — disse o secretario rindo.

— « Não conte assim senão até aos vinte. Serviu em duas enviaturas; passou trabalhos; tem tido grandes cuidados e tem-se visto em não pequenos perigos: viveu o dobro desse tempo. Não se fie na folhinha, porque se ha de achar muito mais velho do que ella diz. Depois andou sobre as aguas do mar, e duas vezes fez naufragio, por signal mostrou muito valor nessa occasião... »

— « Obrigado a v. paternidade!.. Noto que sabe de cór a minha vida. »

— « Um embaixador a primeira cousa que estuda é a historia das potencias. Seguem-se as memorias secretas... Tambem tenho as suas que não são vulgares. »

— « Póde afoutamente dizel-o » — acudiu o ministro em tom equivoco. — « Possue uma obra que nem o proprio auctor conhece. »

— « Ou que receia dar a conhecer? » — atalhou o padre com ironia meliflua. — « Em todo o caso peço justiça. Suppõe que venho como charlatão, encarecer os meus elixires e perturbar o seu socego?.. O que digo provo. Quando affirmo cousas deste perigo (chamo-lhe o que é!) sei com toda a certeza que não não hei de ser desmentido... Acredite-me, sr. Diogo de Mendonça, existe o crime de lesa magestade, e é facil convencel-o delle, tão facil como provar que é dia agora. »

— « Então porque não diz v. paternidade tudo? » — exclamou o ministro estremecendo por dentro, mas forte e animado na apparencia.

— « V. s.ª manda!.. Lembra-se de receber confidencialmente de el-rei nosso senhor um maço lacrado e sellado com ordem de o não abrir, e de o entregar fechado, depois da sua morte, nas proprias mãos de seu augusto filho o principe D. João? »

— « Perfeitamente! Até me foi entregue uma quinta feira á noite 13 de abril de 1705, estando presente o padre Sebastião de Magalhães »

— disse o secretario carregando com affectação sobre o nome do confessor.

— « Exactamente!.. Este maço eram as cartas autographas, em que a defunta rainha D. Maria Francisca e sua irman a duqueza de Saboia escreveram grandes confidencias de estado... por signal encerram o mais triste segredo do governo de sua magestade. É o que ainda hoje ignora o padre Sebastião e o que v. s.ª tambem não sabia então. »

O secretario fez-se pallido e tornou-se grave. Assumindo um ar mais attento não poude conter-se que não exclamasse:

— « A noticia é curiosa!.. Quem a revelaria a v. paternidade!?.. »

— « Naturalmente quem a foi dizer ao ouvido de v. s.ª... O segredo era para todos e estamos aqui dois sabendo-o como el-rei, que o occulta... Continuo com o meu caso. O maço, além disso, tinha copias das cartas do prior Jacomo Spinelli á princeza sua ama, e como o prior observava tudo na corte e era muito propenso á satyra, ha mais de uma historia e de um retrato desagradavel nas suas cartas... sobre tudo a respeito de s. magestade el-rei nosso senhor. »

— « Mas é um prodigio! » — gritou o ministro assombrado — « O negocio mais secreto!.. »

— « E o peior de tudo é ser o mais desairoso do governo de el-rei D. Pedro! » — acudiu o jesuita friamente.

— « Mas quem o disse a v. paternidade?!. » — instou o secretario transtornado.

— « Ahi torna v. s.ª ás perguntas capciosas!? Não importa o modo. Se m'o não disse el-rei (e não era provavel) ou v. s.ª m'o não revelou... »

— « Eu?.. » — clamou o ministro recuando a cadeira.

— « Por força o li em alguns papeis, não podia ser outra cousa. E até em uma dessas cartas, a setima do primeiro maço, achei a causa da morte da princeza D. Isabel, a filha de el-rei que esteve justa... »

— « V. paternidade é magico?.. »

— « Não sr., sou só curioso, e por isso vi o projecto de casamento da infanta, que Deus tem, com Victor Amedeo II, duque de Saboia, e sobrinho da rainha. É de 1678. O duque de Cadaval chegou a ir depois a Nizza em uma náu para trazer o noivo e voltou sem elle. No fim de uns poucos de annos rompeu-se a negociação, a rainha falleceu e a corte de Turim desculpou-se com a má saude do principe encubrindo assim a sua falta de palavra... A victima de tudo foi a infanta, que tomou a peito a recusa de Saboya e morreu apaixonada. »

— « Não ha duvida » — gritou Diogo de Mendonça hallucinado — v. paternidade leu as cartas!.. Mas como, de que maneira, santo Deus?!. »

— « Da maneira porque li os recursos de fr. João dos Remedios! Não lhe observei ha pouco a temeridade com que negava antes de vêr? »

— « As minhas gavetas são mais seguras! »

— « E se eu lhe disser que não? »

— « Ainda pedirei licença para duvidar. Antes de por a mão nos papeis ha dois impossiveis a vencer: descubrir a chave aonde a guardo; e depois da chave, adivinhar o segredo com que ella abre. Como só um homem no mundo o conhece e é Diogo de Mendonça Corte Real, servo de v. paternidade, estou inteiramente socegado. »

— « Faz mal! »

— « Posso jurar que tenho o deposito fiel e intacto. »

— « Jura falso! O deposito não está fiel porque lhe levantaram o sello. Não está intacto, porque delle nem a capa sequer ficou na sua mão! »

— « Sr. padre Ventura, isto é uma scena de Moliere? » — gritou o secretario, atterrado por dentro, mais ainda da confiança do visitador do que do sentido das palavras.

— « Não faça escarneo de Moliere! Apesar de nosso inimigo era grande poeta. Lembre-se v. s.ª que algumas das suas comedias são mais verdadeiras do que muitos livros serios. Occorreme que se elle fosse vivo e estivesse aqui entre nós dois, compunha de certo uma peça nova, por exemplo *O Infiel Depositario.* »

— « Repito a v. paternidade, hei de restituir os papeis como os recebi. »

— « E eu repito a v. s.ª que não, porque os não tem. »

Diogo de Mendonça, apesar de tudo, sentiu uma dor no coração e pareceu-lhe que um arrepio de gelo lhe levantava os cabellos sobre a raiz. Com a precipitação do homem, que sonha com a morte, e accordando espavorido se apalpa para repellir a illusão, levantou-se da cadeira arrebatadamente, e de pé exclamou virado para o jesuita:

— « Se promette não revelar, vou convencel-o! »

— « Póde ficar certo. Em saíndo daqui tudo me esqueceu. »

— « Desengane-se pois! »

E o secretario dirigiu-se á livraria, e ainda confuso e perturbado parou um pouco junto da primeira estante. Ao mesmo tempo o padre Ventura, risonho e obsequioso, dizia-lhe do meio da porta do gabinete particular aonde tinha estado até então:

— « Se procura a chave do seu cofre é na segunda estante, a columna da parede; o botão escondido pelo volume das obras de Santo Agostinho. Acha-a no vasado do pedestal, um pouco para o fundo. »

Diogo de Mendonça, no instante em que as palavras do visitador lhe entraram pela cabeça como balas, ainda nem tinha olhado para o sitio indicado. Ouvindo-o fez-se pallido, desfigurou-se-lhe o rosto e deitou-lhe um olhar de odio, de agonia e de terror, como Lucifer devia lançar ao archanjo, quando o venceu. Depois com um mar de fogo diante da vista e o coração aos pulos dentro do peito precipitou-se, abriu o segredo, tirou a chave e com ella fechada nos dedos tornou a entrar no gabinete, aonde ficou na dolorosa suspensão de quem antes de se atirar de uma grande altura calcula que de noventa probabilidades só uma poderá cair a seu favor.

L. A. REBELLO DA SILVA.

(*Continúa.*)

POESIAS DE OTTONI.

Talvez que algumas das composições que publicamos se encontrem já impressas, porquanto sabemos pela continuação da biographia de José Eloy Ottoni (que só ha poucos dias nos veio á mão) que alguns jornaes brasileiros, com especialidade a *Tribuna Catholica*, tem procurado vulgarisar recentemente os versos devotos deste auctor; comtudo não deixam de ser em certo modo ineditas para Portugal, onde escreveu grande numero de suas composições, como as tres que já estampámos, e a versão que se segue do psalmo 30 do propheta rei.

Imprimiu tambem em sua vida (em 1815) residindo na Bahia, uma traducção dos Proverbios de Salomão, de que daremos alguns specimens « *a qual logo se vulgarisou nas escholas de primeiras lettras da provincia de Minas, porque foi protegida e officialmente recomendada pelo ultimo capitão general, o integerrimo D. Manuel de Portugal e Castro* (2.º artigo da já citada *Noticia biographica*).

Paraphrase do Psalmo — Miserere mei Deus.

Compadece-te, Senhor,
Dos meus enormes delictos,
Segundo a graça que outhorgas
Aos peccadores afflictos.

Do crime as nodoas se apaguem
Na fonte viva de amor,
Do livro da iniquidade
Risca o meu nome, Senhor.

Mais e mais lava-me oh Deus,
Purifica-me, e consente
Que eu vista de novo a graça
Que veste uma alma innocente.

A convicção, e o remorso
Da iniquidade me opprime;
A culpa me impoz a pena,
É meu verdugo o meu crime.

A ti só, presente e justo,
Te offendi, Deus de vingança:
Os teus decretos aggravam
Do meu castigo a lembrança.

Por transcendencia de origem
Fui concebido em peccado,
E com o ferrete da morte
Logo ao nascer fui marcado.

Es por essencia verdade.
Es puro amor por essencia,
Tu me franqueias e abres
Os livros da sapiencia.

Lava, Senhor, o meu seio,
A dôr e a graça me envia;
Serei mais puro que a neve,
E mais brilhante que o dia.

Verei meus ossos no centro
Da humiliação exultar,
Ao som dos hymnos d'amor,
Que o prazer deve entoar.

Aparta, Senhor, teus olhos,
Da torpeza do meu crime;
A iniquidade se annulla,
Se um Deus, que é forte, a reprime.

Cria em mim um ser mais puro,
Dá-me paz, dá-me energia,
Vigor de espirito recto,
Nas minhas entranhas cria.

Não me lances com despreso,
Sou tua imagem, Senhor,
A creatura não prives
Da essencia do Creador.

Ao simples toque da graça
Exulte minha alma, oh Deus!
Da santa alegria o fogo
Abrase os suspiros meus;

Farei que os máos reconheçam
Os teus caminhos desertos,
Verás o impio seguindo-os
Depois de planos, e . bertos.

Livra-me, Deus de minha alma,
Do sangue que derramei;
Tua justiça exaltando,
O teu nome exaltarei.

Unge meus labios, Senhor,
Voarei á Divindade,
Será o Eterno meu canto,
Meu instrumento a verdade.

Se o holocausto me acceitas
Eu vou erguer-te um altar;
Victima impura, Senhor,
Jámais te póde agradar.

De um animo attribulado
Acceitas o sacrificio;
A quem se humilha és affavel,
És a quem chora propicio.

Exalta benigno, oh Deus
Em vontade, e amor Sião:
Em torno a Jerusalem
As muralhas se erguerão.

Oblações ao Grande, ao Justo
Vão tocar o throno teu;
Verás o incenso de amor
Subindo em globos ao céu.

Gloria ao Pae, ao Filho gloria,
Gloria ao Ser, que tudo encerra,
Que no céu, no mar, na terra
Fórma um circulo d'amor;

Assim como agora e sempre,
Existiu, existe e cremos,
Sem cessar, sem fim louvemos
Do universo o Creador.

Ave Maria.

Formoso botão de rosa
Que nasce ao romper do dia,
Ó pura, e cheia de graça,
Eu te saúdo, Maria.

Ave, Pomba sempre illesa
De contagio, e de perigo:
Teu seio será fecundo,
O Deus de Abraham é comtigo.

És bemdita entre as mulheres
É bemdito o fructo teu,
Jesus, o tenro Jesus,
Que de uma Virgem nasceu.

Mãe de Deus, nós te pedimos,
Escudo de mulher forte,
Que nos protejas na vida,
Que nos ampares na morte.

Já que és Mãe, ao Filho pede
O perdão dos peccadores,
Para que unidos na gloria
Dêmos ao Filho louvores.

GALERIA DO MARECHAL SOULT.

A venda em hasta publica e em lotes dispersou esta preciosa collecção de escolhidas pinturas, obras magistraes que perfeitamente representavam a historia da arte hespanhola nas suas mais formosas epochas.

Jamais houve collecção que transplantada para fóra do solo nacional caracterisasse no mesmo grau uma eschola estrangeira e melhor proporcionasse a apreciação do variado talento dos grandes artistas que a illustraram. O genio hespanhol alli está todo inteiro com o seu fervoroso e soturno asceticismo, suas crenças apaixonadas, suas aspirações extaticas, suas sublimes e immateriaes glorificações. Basta lançar os olhos sobre composições de estylos tão distinctos para perceber-se que o primeiro movel de seus auctores era a fé. Quantos delles pintaram, tendo vestido o habito de cenobita! Quantos, a exemplo de Luiz de Vargas e de Vicente Joannes, não tomavam o pincel sem se terem preparado ao trabalho com o jejum e a communhão! A religião era para elles o principio e a meta; pintar era glorificar o creador, orar.

Na Hespanha, como em Italia, a arte moderna desenvolveu-se á sombra do sanctuario, só com a differença de que entre os italianos a tradição remonta ás pinturas das catacumbas e aos mosaicos das primeiras basilicas christãs: entre os hespanhoes, em consequencia da invasão sarracena, acha-se interrompida a contar do 7.° seculo. Internados nas montanhas das Asturias, e nas provincias ao norte do Ebro, os christãos levaram para os seus asylos as imagens consagradas pelo culto. Todavia, só por conjectura se poderiam considerar reproducção das sagradas imagens as composições informes com que cobriram as paredes das igrejas de Saragoça, e dos conventos de Aragão, os pintores aragonezes, Raymundo Torrente e Miguel Fort, que floreceram de 1300 a 1350, e Reinaldo de Ortiga e Pedro da Ponte, seus continuadores no seculo 15.°

Igualmente se podem citar só como raridades, e de nenhum modo como obras comparaveis ás pinturas dos Cimabue e dos Giotto, os grosseiros esboços de Fernando Gonçalves e os retabulos de João Alfon, que pintavam em Toledo no começo do seculo 15.° De 1500 a 1550 appareceram Morales, cognominado o *divino*, e o flamengo Pedro Campana; porém, as obras authenticas destes artistas são extremamente raras, porque tiveram pouco incentivo; com effeito, os historiadores da pintura hespanhola referem que Morales, para o fim de sua vida, chegára a tal estado de miseria que em 1581 encontrando-o o rei Filippe II e dizendo-lhe: « Estás bem velho, Morales? » « Sim, meu senhor; e bem pobre » lhe respondeu o artista. Commovido o rei por esta resposta concedeu-lhe uma pensão de 300 ducados.

Francisco de Olanda, architecto, illuminador e chronista assaz ingenuo, que trabalhava no meado do seculo 16.°, de quem o sr. conde de Raczynski publicou um manuscripto mui curioso, achado na bibliotheca do convento de Jesus em Lisboa, dizia que

se havia cousa que escurecesse a gloria de Hespanha e Portugal era não ser cultivada com vantagem nem estimada nestes paizes a pintura, e contava as conversações que durante a sua estada em Roma tivera com Miguel Angelo a esse respeito. « Sei que na Hespanha não ha tanta generosidade para com a pintura como na Italia. Acostumado a receber tenues remunerações deveis admirar-vos das grandes recompensas que se conferem aqui aos pintores (lhe dizia Miguel Angelo); vereis por toda a parte hespanhoes, ostentando excellentes sentimentos, extasiarem-se diante de quadros, pôl-os nas nuvens em seus elogios; e se apertaes com elles não tem animo de encommendar a mais pequena obra e de pagal-a. Mestre Francisco de Olanda, se esperaes distinguir-vos pela arte da pintura na Hespanha ou em Portugal, digo-vos que vos embalaes com uma esperança illusoria: se me acreditardes, antes vos decidireis a viver em França ou na Italia, onde são prezados os talentos e subidamente estimada a pintura de superior genero. » Miguel Angelo insiste muitas vezes neste assumpto, e mestre Francisco d'Olanda confessa que não póde contradizel-o.

Em 1548 se exprimia Miguel Angelo naquelles termos; dahi a alguns annos a severa opinião do famoso artista italiano era estrepitosamente contradicta. A exemplo de Francisco d'Olanda, varios pintores da peninsula, dentre os quaes citaremos Vicente Joannes, Berruguete, Valdeviva, Gaspar Becerra, Fernandes Navarrete, haviam seguido os exercitos hespanhoes que dominavam a Italia, e estudado com mestres insignes, cujo talento achava-se em todo o seu vigor nessa epocha. Por outro lado, as obras primas das escólas italianas e flamengas, adquiridas com grande dispendio, ornavam os palacios dos reis de Hespanha. Não devemos admirar-nos se, pelo fim do seculo 16, uma arte inteiramente nova, de esplendor e força incomparaveis, brotou subitamente nessa terra até alli ingrata, e as tres grandes escholas de Valencia, de Sevilha, e de Madrid succederam á velha e tosca eschola de Toledo. Este periodo foi tão curto quanto brilhante; encerra-se no espaço de pouco mais de um seculo, desde 1560, epocha do regresso de Italia de Fernandez de Navarrete, o mudo talentoso, até 1682, anno da morte de Murillo.

A collecção do marechal Soult comprehendia numerosas peças dos principaes mestres de cada uma das grandes escholas hespanholas. Os pintores primitivos eram alli representados por Luiz de Vargas, Vicente Joannes, e Morales. Energicas composições de Sanchez Coelho, de Roelas, de Fernandez de Navarrete, indicam a transição dessas antigas escholas para a grande e bella epocha da arte illustrada por Murillo, Ribera, Zurbaran, Alonzo Cano, Velasquez. Quinze composições de Murillo, sete de Ribera, vinte de Zurbaran, sete de Alonzo Cano, e muitos quadros dos dois Herreras, de Pacheco e de Ribalta, resumem este periodo da arte no seu apogeu. Seguem-se os brilhantes imitadores dos mestres; Pareja, alumno de Velasquez, Gomez o mulato, alumno de Murillo, Ayala, discipulo de Ribera, Mendez Osorio, Llano y Valdo, Solis, Valdez Leal, Tobar, Antolinez, que todos se distinguem por suas qualidades originaes, cujo defeito consiste em virem mais tarde, quando apenas havia que respigar no campo da arte.

Não pertendemos examinar aqui senão as mais importantes e interessantes dessas composições, É a primeira na data a *Via dolorosa*, de Morales, appellidado o divino. Será o mesmo quadro que Filippe II mandou collocar nos Jeronymos de Madrid, e que tinha o sobredito nome, e era reputada a obra prima desse mestre? Não nos foi possivel verifical-o. Todavia é uma peça mui notavel; e o nome foi bem posto, porque nunca o pincel exprimiu de modo mais pathetico a afflicção humana. A Santa Virgem, encostada á Cruz, segura com uma das mãos a cabeça do Filho, que tem apagada a luz dos olhos, e roxos os labios, a corôa deixou na frente de Christo alguns dos espinhos que se entreveem debaixo da pelle, gotas de sangue estão pegadas ao longo das fontes. É a morte em todo o seu horror, a morte depois da longa agonia da Paixão e o supplicio da Cruz. Os semblantes da Virgem, da Magdalena e de S. João contrastam admiravelmente com a face livida e flaccida de Christo. Todos gemem, todos pranteiam, todos contemplam o corpo inanimado do Salvador com uma expressão de magua e de summa dôr.

Um *Ecce Homo* de Vicente Joannes, corypheu da eschola de Valencia, approxima-se muito mais dos primitivos mestres italianos do que da *Via dolorosa*, de Morales, certos accessorios da qual, a barba por exemplo, parecem tocados por Alberto Durer. Vicente Joannes havia estudado os primeiros mestres da eschola romana. Palomino o declara igual a Raphael, contra o qual tentou por vezes uma lucta corajosa, mas desigual.

Um dos mais extraordinarios quadros da galeria do marechal Soult é o *Abraham perante os anjos*, de Fernandez de Navarrete, o mudo. Este pintor, que visitou a Italia pelo meado do seculo 16.º e que estudou com o Ticiano, soube não obstante isso conservar-se original: o seu estylo, simples e grandioso ao mesmo tempo, tem um tanto da sublime familiaridade dos *romanceiros;* o seu colorido, onde os methodos venezianos se combinam com a austera simplicidade dos antigos mestres nacionaes, tem certa energia aspera e phantasiosa, que constitue este pintor distincto de todos os outros; o quadro de *Abraham perante os anjos* é das suas mais afamadas obras. Abraham acaba de reconhecer os tres divinos mensageiros, prostra-se-lhes aos pés, e offerece-lhes hospitalidade; Sara os contempla com ingenua admiração, e não ousa juntar sua voz á voz de seu esposo. Os tres anjos estão de pé, vestidos de tunicas similhantes; mas, a sua bella estatura, a sua attitude tão nobre, e a suave magestade de seu olhar revelam entes sobrehumanos; até mesmo os resplendores mysteriosos que illuminam os personagens prestam a esta composição um caracter sobrenatural. Palomino denomina Navarrete o Ticiano hespanhol; e sem duvida alguma existe certa analogia entre este pintor o o auctor dos *Discipulos de Emaús*; mas ha tambem nestes anjos uma reminiscencia, das mais directas do *Christo* de Leonardo da Vinci. Um historiador da pintura hespanhola nos informa que em 31 de agosto de 1576 o rei Filippe II mandou dar a Navarrete 500 ducados de ouro pelo seu quadro de Abraham. Navarrete tinha-o pintado tres annos antes

da sua morte, que aconteceu em 1579. Um dos paineis deste artista representa *um mancebo* de physionomia austera e triste, de cabellos bastos e crespos, beiços sombreados por um pequeno bigode, olhar fixo e cheio de um fogo soturno, com uma belida que cobre em parte a pupilla do olho esquerdo: é o retrato de Fernandez de Navarrette, feito por elle mesmo. Esta pintura extremamente franca dá lembranças de Velasquez, a quem Navarrete precedeu mais de meio-seculo.

As composições de Ribera expostas na sala Lebrun são em numero de sete, quatro dellas, o *Livramento de S. Pedro*, o *S. Sebastião*, o *Senhor com a Cruz*, e a *Sacra Familia* pódem qualificar-se entre as melhores obras. Os dois primeiros paineis são da maneira vigorosa deste mestre, e recordam os effeitos violentos do Caravaggio. A *Sacra Familia* é por um systema inteiramente differente, e deve ser da epocha em que Ribera, seduzido pela suavidade do colorido do Corregio, modificou o seu estylo tratando de o amaciar e de tornal-o mais correcto. Ribera, neste painel, deixou-se daquelles arrebatados contrastes de luz e de sombra que lhe são familiares, e a que devem a maior parte de suas composições o seu poderoso effeito. As carnes recebem a luz em cheio, as sombras são transparentes e douradas, e comtudo os semblantes tem um maravilhoso relevo, que devem a uma riqueza de empaste nunca assaz admirado.

Muitas composições de Roelas, de João Joannes, filho de Vicente Joannes, de Francisco Pacheco, de Herrera senior, e de Ribalta preenchem, com os Riberas, o intervallo que separa a eschola antiga da eschola do seculo 17.° A *Ceia* do Ribalta, um dos melhores pintores da eschola de Valencia, provavelmente é o primeiro pensamento da Ceia que pintou nesta cidade para o altar-mór do collegio de Corpus-Christi: é uma composição encantadora, de um colorido mais variado do que estudado, e que recorda os vividos esboços dos maiores mestres de Italia. O *S. Basilio* de Herrera o velho nenhuma dessas reminiscencias italianas appresenta; é uma obra inteiramente hespanhola, onde se encontra aquelle estylo austero e magestoso, aquella expressão agreste, que fizeram famoso este mestre entre todos os artistas energicos que produziu a Hespanha. Herrera, no momento da composição, levava o ardor do enthusiasmo até ao furor; os discipulos receiavam aproximar-se delle quando armado de brochas como vassouras, auxiliado de uma creada, mettia as côres na tela, enchendo, como ao acaso, os contornos das figuras que delineava com juncos. Postoque de um vigor de relevo sem igual, o S. Basilio parece pintado com maior regularidade: o que distingue esta composição é um grande sentimento da realidade; nada foi alli cedido ao charlatanismo do effeito; mas, tambem nada é trivial ou falso. Recommenda se o estudo deste quadro aos pintores naturalistas.

Em nosso entender grande é a sem-rasão com que se tem feito á eschola hespanhola a accusação de materialismo. Os meios são humanos sem duvida, porém o objecto é sempre elevado e espiritual. Seus pintores ainda os mais apaixonados da natureza consagraram seus pinceis ao serviço de uma idéa donde tomaram a inspiração de suas obras primas mais sublimes; a idéa religiosa. A influencia irresistivel que em tempo de Carlos V e de Filippe II a religião exercia sobre a politica, cujo dominio é todo mundano, devia naturalmente estender-se ás Bellas-artes, que em todo o tempo foram um dos modos de exprimir o sentimento. O paganismo tinha povoado os seus templos com as estatuas dos seus numes. O catholicismo cobriu as paredes das igrejas com as sagradas imagens que ainda hoje as revestem. Na Hespanha esta applicação da arte foi ainda mais exclusiva do que na Italia. Houve epocha em que o artista, que a exemplo dos Raphaeis, dos Ticianos, dos Corregios, tomasse da mythologia assumptos para suas composições, em vez de admiradores acharia criticos carrancudos e talvez juizes severos. A arte hespanhola é sobretudo religiosa. Só mais tarde, no momento da explosão do genio no seculo 17.°, o pincel do artista tomou a liberdade de se dedicar a assumptos prophanos; mas, ainda então Velasquez e Murillo, como os mestres de Toledo e Valencia, e o mais substancial da eschola es consagraram aos triumphos do dogma.

(Continúa.)

NOTICIAS E COMMERCIO.

Curiosas noticias dos Estados-Unidos. — Os resultados geraes, que ha pouco se publicaram, do recenseamento da população de 1850, são summamente dignos de menção.

A população tem continuado com vigor na carreira ascendente que tem seguido desde a independencia da união norte-americana. De 1840 a 1850 o augmento foi de 36¼ por cento, ou termo medio 4 por cento em cada anno, isto é, oito ou nove vezes mais do que em França. O total no 1.° de junho de 1850 era 23.245:301 pessoas, ou 6.176:848 mais do que em igual epocha de 1840. De 1800 a 1810 o augmento havia sido de quasi 36½ por cento; mas, esta proporção notavel só representava um effectivo de algum tanto menos de dois milhões de almas. Por este andar é provavel que daqui a 40 annos a população dos Estados-Unidos exceda a da Europa occidental, limitando esta á Inglaterra, França, Belgica, Hollanda e Peninsula Iberica.

A situação da casta branca a respeito da dos negros excita particular attenção naquelles dados estatisticos: a dos brancos é a que mais progride. Os brancos augmentaram ha dez annos a esta parte algum tanto mais de 38 por cento, e os individuos de côr, tanto livres como escravos, somente na proporção de 26 por cento. É verdade que a emigração avulta muito no crescimento natural da casta branca, pois que no ultimo decenio os emigrados desta raça chegaram ao numero de milhão e meio.

O numero de africanos e mestiços é de 3.612:899, dos quaes sete oitavas partes são escravos: a população livre e de côr, monta só a 428:637. Em resumo, ha 526 brancos por 100 negros e mestiços; e em 1790 havia somente 420. O numero dos escravos fugidos em 1850 ascende a 1:011; e isto deve attribuir-se a que o escravo, ainda que sob o aspecto moral e politico existe summamente reprimido noe Estados-Unidos, é na parte material bem tratado e

não o occupam em trabalho superior ás suas forças.

Um dos phenomenos mais notaveis é a extensão que diariamente adquire a população urbana. Em 1790 só havia em todo o paiz tres aglomerações de mais de 20:000 almas: Philadelphia, que occupava o primeiro logar, contava 43:000, Nova-York, que se lhe seguia, tinha apenas 33:000. Actualmente ha nos Estados da União sete cidades de mais de 100:000 almas: Nova-York com Broocklyn e Jersey-City, seus arrabaldes, separados della só pelo rio, contém 650:000: é a terceira cidade da civilisação occidental, porque na Europa só Londres e Paris excedem este algarismo.

As quatorze cidades mais populosas do imperio austriaco sommam 1.372:000 almas; os quatorze principaes centros da União norte-americana montam a a perto de dois milhões. Este progresso inaudito da população urbana naquelles estados, tão superior á rural, produz o maior consumo de trigo, apesar da abundancia deste: a sua extracção, desde que o mercado inglez começou a abrir-se aos cereaes estrangeiros, subministra á Grã-Bretanha menor quantidade de trigo do que a França.

A porção do paiz em estado de cultura chega a uma oitava parte da superficie total da França, porém, não comprehende mais do que a decima oitava parte do territorio da União, Os Estados-Unidos só produzem 40 a 45 milhões de hectolitros de trigo (8,28 hectolitros correspondem a um moio de 60 alqueires); porém, gozam de uma colheita de 200 milhões de hectolitros de milho, o que não sómente proporciona alimento para os homens, mas tambem para os gados. Existem pelo menos 900 cabeças de gado vaccum e 1:800 de gado suino por mil habitantes; por isso é que exportam para a Europa grande porção de carne salgada. Produzem 32.759:000 libras de assucar, muito e bom arroz, e pouquissimo vinho e esse mesmo de pessima qualidade.

Os Estados-Unidos são o paiz que mais abunda em jornaes, havendo 2:650, e 150 *Revistas*, isto e, um jornal para cada 7·161 pessoas livres, porque os escravos não sabem ler.

THEATRO DE S. CARLOS.

Exposição do panorama do Mississipi.

Assistimos á exposição das duas primeiras secções do grande panorama movel do Mississipi, e cumpre-nos dizer que é realmente uma obra prima no seu genero, e que bem merece ser vista. Nada mais commodo do que imaginar o espectador que está suavemente navegando, e sem risco, nas aguas daquelle famoso rio; tal é o effeito que produz aquelle panorama desenrolando-se pouco a pouco a nossos olhos, e apresentando-nos as mais bellas vistas, e os quadros mais pittorescos.

Além disso, para melhor avaliarmos o merecimento desta obra devemos considerar que não é uma ficção do auctor, mas sim uma copia fiel e exacta da natureza, que nos representa com toda a verdade as extensas margens do Mississipi, e que custou a Mr. Smith muitos annos de estudo e fadigas.

Resta-nos ainda ver a terceira secção, que não será por certo inferior ás duas que temos admirado.

D. R.

Noticias theatraes. — Foi escripturado para o theatro de *la Scala*, de Milão, para a época do proximo carnaval, o insigne coreographo Theodoro Martin, tão vantajosamente conhecido entre nós pelas suas excellentes composições, que não só lhe grangearam a estima e a admiração do nosso publico, mas fizeram que o seu nome ainda hoje seja recordado com saudade.

M. Martin tenciona reproduzir sobre a scena de *la Scala* as duas lindas danças *Palmina*, e *Emeth*, que elle compoz expressamente para o theatro de S. Carlos em 1846, e em que muito se distinguia Madame Zimmann-Martin, na parte de protogonista.

Sabemos que o sr. Bordallo Pinheiro está encarregado de desenhar e expedir para Milão os figurinos e accessorios da dança *Emeth*, taes e quaes, os que o mesmo distincto artista extrahio naquelle anno da famosa obra de Panckoucke sobre o Egypto.

Admiradores do merito de M. Martin, compraz-nos registrar esta escriptura que lhe é summamente honrosa, e que lhe vae proporcionar novos e brilhantes louros.

A eximia bailarina Madame Zimmann-Martin estava em ajustes para um dos primeiros theatros da Italia, não tendo sido escripturada para *la Scala*, em consequencia de ter a empreza daquelle theatro dado já a prerogativa de primeira bailarina *absoluta* a Mademoiselle Sophia Fuoco.

A nova opera em 3 actos, *Giralda*, do *maestro* Cagnoni, auctor do *D. Bucefalo*, teve um exito mui feliz no theatro de Santa Radegonda, em Milão. A parte de Gines foi optimamente desempenhada pelo baixo comico Luiz Rocco.

O author do *libretto*, o conhecido poeta Giorgio Giacchetti, reproduzio o assumpto que deo logar á linda opera, do mesmo nome, de Adam.

O imperador do Brasil condecorou o *maestro* Frederico Ricci com a ordem de cavalleiro da rosa.

O *maestro* Mercadante foi agraciado com a ordem da legião de honra.

A insigne *prima donna* Cruvelli continua a causar enthusiasmo em Londres. Diz-se que a empreza do real theatro do Oriente, de Madrid, lhe fizera propostas summamente vantajosas, que ella não acceitára.

Partiu para a America a famosa Alboni, e Jenny Lind dispunha-se a voltar para a Europa.

Diz o *Pirata*, de Turim, que o encarregodo da empreza do nosso theatro lyrico, o sr. Porto, tratava de escripturar em Londres a primeira dama madame Anaide Castellan. Estimaremos que se realise aquella escriptura, porque madame Castellan goza de muita reputação no mundo theatral.

D. R.

BIBLIOGRAPHIA.

COMPENDIO DE HISTORIA UNIVERSAL, por *José da Motta Pessoa de Amorim*.

Publicou-se a 16.ª folha do tomo 3.º e contém:

Historia prophana. — Grecia, e Macedonia, vida de Socrates, Perdiccas colhendo raios do sol.

Vende-se a 20 rs. a folha na rua Augusta n.os 1 e 8; e a 300 rs. por volume. nos principaes livreiros de Lisboa, Porto, e Evora.